



Comunicação e Educação: da leitura crítica de mídias à construção de um novo Campo¹

Vanessa Matos dos SANTOS²
Danielle Francine de Pinho FREIRE³
Valéria Patrícia Martins dos REIS⁴
Mário César Pintaui PEIXOTO⁵

Universidade Federal de Uberlândia – UFU – Uberlândia, MG

RESUMO

Tendo em vista o contexto de interdisciplinaridade que enseja a contribuição de diferentes campos do saber para o enfrentamento dos complexos desafios impostos pelas sociedades contemporâneas, este artigo foca a questão da integração da Comunicação e da Educação. O objetivo geral do trabalho, que contempla uma discussão teórica, é justamente mostrar as diferentes vertentes assumidas pela junção dos campos em questão, passando pela Mídia-Educação e culminando com a Educomunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Mídia-educação; Educomunicação.

1 Comunicação e Educação: o início da relação

O potencial de abrangência dos meios de comunicação de massa (mídias massivas) foi desde muito cedo reconhecido e utilizado para os mais diversos propósitos, desde propagandas manipuladoras e persuasivas até objetivos mais nobres

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Doutora em Educação com estágio no exterior realizado na UNED Madrid (Espanha), Mestre em Comunicação. Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com atuação também na Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. E-mail: vanmatos.santos@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: daniellefrancine.freire@gmail.com

⁴ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: valeriap.aax@terra.com.br

⁵ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mariocesarpintaui@terra.com.br



como a Educação. As mídias começaram a ser utilizadas na educação justamente com o propósito de expandir a escolarização para um maior número de pessoas. No caso brasileiro, as primeiras iniciativas tinham o objetivo de alfabetizar a população de uma maneira massiva, até porque as mídias utilizadas eram, estritamente, massivas tais como o rádio e a televisão. Não demorou muito até que os pesquisadores começassem a inaugurar uma nova área de estudos compreendida pela relação entre a Comunicação e Educação sob diversos enfoques e com diversas premissas. Por conta de um contexto híbrido, complexo e transdisciplinar, muitas terminologias foram utilizadas; algumas para significar o mesmo princípio, como abordaremos adiante.

É importante destacar que existem diferentes abordagens para a interface Comunicação e Educação que vão desde a mídia-educação (BELLONI, 2005) que resgata a ideia de uma educação para às mídias que objetiva educar o cidadão para uma leitura crítica da mídia e a Educomunicação (SOARES, 2002) que trabalha as duas áreas como formadora de uma terceira (a Educomunicação). Na abordagem educ comunicativa pode-se destacar os inúmeros trabalhos de Mário Kaplún, um dos primeiros a utilizar a expressão “Educomunicação”, para quem “Educar-se é envolver-se em um processo de múltiplos fluxos comunicativos. O sistema será tanto mais educativo quanto mais rica for a trama de interações comunicacionais que saiba abrir e pôr à disposição dos educandos” (KAPLÚN, 1999, p.23).

Um dos maiores desafios sobre os estudos da Comunicação e da Educação está em tratar as áreas como campos independentes e, ao mesmo tempo, integrados. Essas Ciências, apesar de possuírem objetos de estudo distintos - o que lhes confere independência - e apesar de serem campos de saberes abrangentes, compartilham de alguns elementos tais como a linguagem e a informação. Ao mesmo tempo ambas possuem discursos que lhes são próprios, específicos de seus respectivos campos do saber. Não se pode tratá-las de forma generalizada ou unificada. O presente artigo buscar traçar uma ligação entre essas duas áreas do saber, procurando distingui-las, mas também pensa em termos de interdisciplinaridade.

Parte-se então para a criação de um campo de diálogo e integração entre estas duas áreas que, segundo Baccega (2001), deve acontecer devido à necessidade de articulação da Comunicação com outras áreas do saber. Nesse sentido, é salutar destacar que o desenvolvimento de sistemas comunicativos mais próximos permite uma Educação que caminha com a Comunicação de forma mais sólida e equilibrada.



Partindo da necessidade de um real diálogo entre os campos, assume-se que um dos desafios está também em proporcionar ao sujeito mecanismos para o desenvolvimento de uma leitura crítica de mundo, questionadora, imersa em práticas comunicativas em constante transformação. Esta necessidade de interação é uma alternativa que se manifesta para sociedade, mais especificamente para a educação escolarizada. Deve-se destacar que, dado o aporte dos dois campos, ampliam-se as possibilidades de uma educação extramuros que extrapola o espaço físico tradicional que, não raro, aparece restrito às quatro paredes das tradicionais instituições que subsistiram desde Comênio e de sua obra mais importante, a *Didactica Magna*⁶. Barbero destaca as transformações diante da circulação do saber ao afirmar que “a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados”. (BARBERO, 2011, p.126). Partindo deste ponto de vista, a escola deve trabalhar os conhecimentos acumulados com um novo olhar, com uma nova postura que favoreça a comunicação para a construção de um conhecimento respaldado no respeito às diferenças. Neste aspecto, não há mais o monopólio de transmissão de conhecimento e a Educomunicação floresce como alternativa voltada para o diálogo.

A Educomunicação se propõe a contribuir para o desenvolvimento completo do ser humano. Diante disso assegura a dignidade e a participação no processo da democracia, exercício da cidadania plena a fim de tornar a pessoa construtora de uma sociedade mais justa (ANDRADE, 2006, p.140).

As novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) constituem-se em um importante conjunto para a formação do cidadão na sociedade democrática. Nesse sentido, deve-se destacar o importante o papel do comunicador na reorientação dos meios de comunicação e no acompanhamento do processo educativo. O novo contexto requerer profissionais especializados que não busquem somente um conhecimento técnico relacionado às tecnologias, mas também que sejam aptos a caminhar na transdisciplinaridade dos processos de comunicação e educação (BACCEGA, 2009).

A Comunicação aparece como o eixo do processo, posto que é responsável por dar textura às relações, é a ponte de mediação entre estes processos tão arraigados e que constitui os sujeitos como protagonistas de sua própria evolução, de sua mudança. (BARBERO, 2014, p.30).

⁶ Esta obra marcou o início da sistematização da Pedagogia (expressão maior da Educação enquanto Campo) e da didática no Ocidente, um marco para a escola institucionalizada.



Por meio da Educação, por seu turno, é possível desenvolver maior ou menor capacidade de comunicação e promover maior interação entre os sujeitos. É importante também destacar que, de forma complementar, a comunicação fortalece as relações de construções de saberes, permitindo que o sujeito constituinte assuma a sua responsabilidade como construtor de seu conhecimento de forma crítica e consciente no sentido freireano.

Toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos e conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (FREIRE, 1996, p. 41).

Possibilitar a autonomia do sujeito nos processos que envolvem a Comunicação e a Educação envolve pensar de que forma – e sob quais bases – tal integração vai ocorrer. Não se trata de desvalorizar nenhuma proposta, mas sim de compreender seus limites e possibilidades.

2. Mídia-educação: capacitando o cidadão para a leitura crítica da mídia

A proposta da mídia-educação trabalha basicamente com a idéia de leitura crítica da mídia. Em seu bojo, está a idéia central de autonomia do sujeito por meio das habilidades de crítica midiática. Além disso, a mídia-educação defende a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens através de uma variedade de contextos. Isto posto, fica claro que esta vertente busca uma espécie de alfabetização midiática e preocupa-se com o desenvolvimento de um cidadão que compreenda os mecanismos da mídia para que não se torne refém dela. Superando a questão puramente crítica, este cidadão (que, em contexto escolar, será o aluno) deve ainda ser capaz de produzir insumos midiáticos, ensejando um movimento de protagonismo que supera a idéia de recepção passiva.

Embora seja uma área recente, sua importância tem crescido no cenário mundial, principalmente a partir da década de 1970 quando houve a proliferação dos meios de comunicação de massa (rádio e televisão). As raízes desses estudos podem ser encontradas na Inglaterra na década de 1930 quando o ensino do cinema passou a ser oferecido na Educação. Atualmente, a Inglaterra conta com um currículo específico sobre leitura crítica da mídia voltado para a educação primária e secundária (APARICI,



s/a). Esse tema não se esgota apenas nas escolas, até porque algumas Universidades inglesas contam com programas para a formação do leitor crítico de mídia.

Propostas com o mesmo objetivo também foram verificadas nos Estados Unidos na década de 1970. Vários projetos que haviam sido sufocados nos governos Reagan e Bush voltaram ao cenário com a administração Clinton, ocasionando o que Aparici (s/a) chama de “*renacimiento de la educación audiovisual en ese país*”. A Austrália também já disponibiliza um currículo específico para a leitura crítica da mídia para alunos da educação primária e secundária. O Canadá, por exemplo, já chegou a desenvolver Guias e Manuais voltados para o oferecimento de cursos para capacitar o cidadão para a mídia. A Espanha também tem desenvolvido diversas propostas e experiências com a temática, especialmente por meio da Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED). Experiências também tem sido verificadas em vários países da América Latina, incluindo o Brasil, como abordaremos adiante, em capítulo específico.

Para compreender a emergência dessa área de estudos, é preciso considerar a forma como a mídia vem sendo enxergada pela escola. A temática dos meios de comunicação na sala de aula tem merecido, cada vez mais, a atenção de educadores e comunicadores. Esse movimento, no entanto, não é novo, visto que algumas propostas pioneiras já haviam sido documentadas na França, por exemplo, com Celestin Freinet que utilizava o jornal em sala de aula, definindo inclusive uma nova pedagogia para o meio de comunicação jornal escolar. O objetivo de Freinet era dar voz aos alunos e proporcionar a eles uma nova forma de expressão por meio do jornal escolar. Neste sentido, o meio de comunicação poderia desenvolver, além da autonomia, também o senso crítico dos aprendizes. No Brasil, Paulo Freire (1987) também se dedicou a estudar a leitura crítica do mundo (e esta passa pelos meios de comunicação) como forma de alcançar o desenvolvimento da autonomia.

Entretanto, o que se observa é que, para o momento em que foram desenvolvidas (década de 1920-1930 no caso de Freinet e década de 1960-1970 no caso de Paulo Freire) essas propostas podem ser traduzidas pelo pioneirismo, visto que os estudos conduzidos por Masterman (1994 *apud* ANDRELO, 2008) demonstram que, na origem da educação às mídias, os meios eram considerados ameaçadores e, portanto, nocivos à cultura escolarizada. Os professores pautavam-se por apresentar peças publicitárias e, partindo da premissa de que não tinham qualidade, comparavam esses materiais com produtos considerados culturalmente superiores. Por conta deste cenário inicial, “a



educação às mídias surge como uma educação contra as mídias” (ANDRELO, 2008, p.52).

Num segundo momento, as mídias passam a ser valorizadas como arte por conta do cinema, mas o senso crítico ainda separava o que é culturalmente bom ou ruim. Andrelo (2008) pondera que, neste momento, o alvo das críticas não era mais as mídias em si, mas sim o conteúdo delas. As análises ferrenhas que eram feitas ao conteúdo desprezavam o contexto da produção, distribuição e, finalmente, consumo destas mídias. A década de 1970 conheceu a expansão dos estudos de mídia para além das fronteiras do cinema e, finalmente, na década seguinte, as mídias passaram a ser analisadas no que se refere à sua função e papel na sociedade.

Partindo da ideia de que projetos que envolvam a mídia e a educação devem se pautar pelo planejamento que vise não apenas o acesso à informação, mas, sobretudo, que objetivem ensinar princípios e estratégias que auxiliem na decodificação, análise, avaliação e produção comunicativa considerando uma infinidade de formatos possíveis, surgiu a concepção de Alfabetização Audiovisual, ou *Media Literacy*, que objetiva “que los jóvenes desarrollen esta destrezas y actitudes en función de las múltiples formas de comunicación cercanas a su mundo” (APARICI, s/a).

Isso significa assumir que os produtos midiáticos fazem parte da sociedade e são, portanto, formas de expressão comunicativa e, assim sendo, apresentam um imenso potencial educativo que precisa ser explorado. Um dos maiores especialistas em *Media Literacy*, Len Masterman, já anunciava, nos anos 1990, os motivos pelos quais as mídias deveriam ser ensinadas, traduzidas e problematizadas

- O consumo elevado das mídias e a saturação a qual chegamos;
- a importância ideológica das mídias, notadamente através da publicidade;
- a aparição de uma gestão da informação nas empresas (agências de governo, partidos políticos, ministérios, etc)
- a penetração crescente das mídias nos processos democráticos (as eleições são antes de tudo eventos midiáticos);
- a importância crescente da comunicação visual e da informação em todos os campos (fora da escola, que privilegia o escrito, os sistemas de comunicação são essencialmente icônicos);
- a expectativa dos jovens a serem formados para compreender sua época (que sentido há em martelar uma cultura que evita cuidadosamente as interrogações e as ferramentas de seu tempo?);
- o crescimento nacional e internacional das privatizações de todas as tecnologias da informação (quando a informação se torna uma mercadoria, seu papel e suas características mudam) (MASTERMAN, 1993 *apud* BELLONI, 2005, p.10).



À medida que um maior número de pessoas começa a ter acesso aos meios de comunicação, o número de pesquisas na área também começa a aumentar. A concepção de uso das mídias nas escolas motivou uma série de pesquisas e inaugurou, inclusive, a perspectiva da Pedagogia da Comunicação segundo a qual as tecnologias são aliadas do processo de ensino-aprendizagem à medida que potencializam a capacidade de comunicação entre os Sujeitos. Mas, para que a Pedagogia da Comunicação seja efetiva, é preciso desenvolver uma didática específica que compreenda a educação também como comunicação (PENTEADO, 1998). Kaplún (1999, p. 74) defendia a ideia que os meios de comunicação deveriam ser utilizados criticamente em sala de aula, como “a serviço de um projeto pedagógico, ultrapassando a mera racionalidade tecnológica”.

Mais recentemente, Fischer (2000, 2001) tem estudado os discursos da mídia e identificado a forma como eles influenciam a constituição de sujeitos individuais e sociais, buscando compreender o que ela chama de “dispositivo pedagógico da mídia” na construção da realidade e do Sujeito.

Na concepção de Belloni (2005, p.11), a integração das NTIC à Educação só faz sentido se enxergada a partir de uma dupla dimensão: como ferramentas pedagógicas e como objetos de estudo. Essas dimensões deram origem a duas diferentes áreas de estudo: a chamada comunicação-educacional, que entende as NTIC como ferramentas pedagógicas e a mídia-educação, que faz das NTIC seu objeto de estudo, podendo ser enfocado sob diversos ângulos.

A integração das NTIC à educação tem se mostrado, efetivamente um desafio. Se por um lado é preciso conhecer e utilizar as potencialidades das novas tecnologias, por outro, deve-se evitar a adoção de tecnologias pelo simples deslumbramento, desconectado das reais necessidades de quem mais precisa: estudantes e educadores (KENSKI, 2007). Essa integração pode representar uma inovação no campo educacional, ou ainda, uma esperança com relação à democratização do ensino (TEDESCO, 2004).

Para ser assumida e utilizada pelas demais pessoas, além do seu criador, a nova descoberta precisa ser ensinada. A forma de utilização de alguma inovação, seja ela um tipo novo de processo, produto, serviço ou comportamento, precisa ser informada e aprendida (KENSKI, 2007, p. 43)



Importante destacar que o termo tecnologia educacional vem sendo gradualmente substituído por comunicação educacional, indicando que a importância do processo comunicacional deve suplantar o mero uso tecnológico dos recursos, principalmente em função da emergência da WEB 2.0 que já nasce com a premissa da cooperação e construção coletiva de espaços. Neste sentido, as propostas mais recentes nesta área fazem referência aos usos da tecnologia para gerar conhecimento, o que só pode ser alcançado mediante a Educação e, assim, sendo, “*podemos decir que la educación y la tecnología forman un binômio, siendo el educador el gestor de la innovación en el aula*” (GALLEGO GIL, 2011, p.3). Mais uma vez, o sentido desse processo nos conduz para a concepção de que é preciso conhecer a mídia para inovar com ela (SANTOS, 2013).

Habilitar o cidadão para a leitura dos produtos midiáticos se torna uma necessidade urgente, principalmente para o exercício de sua própria cidadania que passa a ser, também, cada vez mais mediatizada.

A educação para a autonomia só é genuína se, além de oferecer suporte para que o Sujeito transite nesta sociedade, também permita que ele seja dono do seu destino, plenamente capaz de enxergar-se cidadão e, efetivamente, quer seja por meio das redes telemáticas ou não, exercer sua cidadania. As definições mais atuais da mídia-educação estão centradas na ideia de “leitura crítica” da mídia e, mais recentemente, ligam-se também à necessidade urgente de inclusão digital por entender que o acesso à cidadania está passando também pela mídia (BÉVORT; BELLONI, 2009; SANTOS; KERBAUY, 2011, 2012).

3. A Educomunicação: campo interdisciplinar e interdiscursivo

A Educomunicação apresenta-se como um campo interdiscursivo à medida que incorpora, a seu modo próprio de expressar e de construir o conhecimento, os fundamentos que vem da Educação, da Comunicação e também de outras áreas, o que possibilita criar pontos de convergência na aprendizagem. É ainda interdisciplinar ao dialogar com inúmeras disciplinas que estimulam o conhecimento humano e tem, nas novas tecnologias, a mediação para assimilar conceitos já formulados em outras áreas, como também para descobrir novas maneiras para a construção de novos conceitos.

De acordo com Almeida (2012) que o suporte da Educomunicação foi produzido considerando diferentes áreas do saber, como: sociologia, filosofia, linguística,



semiótica, história da arte, literatura, culturalismo na educação, teoria crítica, além de outras inerentes à área da Comunicação Social, como a Sociologia da Comunicação de massa, os estudos do cinema e vídeo, da mediação e da representação. O ponto central encontra-se no processo de comunicação e nas mediações culturais.

Soares (2011) define a Educomunicação como um campo de intervenção social e descreve-o em quatro subáreas, que são: 1) educação para a Comunicação, 2) mediação das tecnologias na Educação, 3) Gestão da comunicação nos espaços educativos, 4) Reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação como fenômeno cultural.

As atividades no campo da Educomunicação podem ser vistas pelo entrelaçamento das subáreas. Nesta abordagem, a utilização de meios tecnológicos como suportes didáticos podem desenvolver nos sujeitos uma percepção crítica da mídia e de sua própria realidade social. Para comprovar o campo da inter-relação comunicação/educação, a equipe do Núcleo de Comunicação e Educação – NCE (ECA/USP) realizou uma pesquisa, entre 1997 e 1998, com especialistas de doze países do continente, onde diversos instrumentos investigativos foram utilizados, além da promoção de *workshops*, seminários e congressos. De acordo com a pesquisa⁷, o Educomunicador é o profissional que demonstra capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo da inter-relação Comunicação/Educação. Dentre as suas atividades, ressaltam-se: a implementação de programas de "educação para a comunicação", favorecendo ações que permitam que grupos de pessoas se relacionem adequadamente com o sistema de meios de comunicação e o assessoramento a educadores no adequado uso dos recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania.

Soares (2011) faz uma importante menção ao resultado da pesquisa quando destaca que os dados levantados possibilitaram reconhecer a presença de um processo de organização teórica que indica a interdiscursividade e a interdisciplinaridade como elementos primordiais do novo campo. O campo da Educomunicação é considerado um espaço privilegiado da atuação dos professores, uma vez que possibilita práticas comunicacionais no âmbito da escola, desenvolvendo no aluno uma postura crítica diante da mídia e do mundo.

⁷ Ver mais dados sobre a pesquisa no site: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arc/textos/29.pdf>>.



Baccega (2011), no entanto, pondera que a primeira barreira a ser transposta é pensar, de forma crítica, a influência que a mídia como um todo exerce na sociedade, pois “são os meios de comunicação que selecionam o que devemos conhecer os temas a serem pautados para a discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos ver as cenas escolhidas e compreender esses temas” (BACCEGA, 2011, p. 33).

É importante realizar uma reflexão sobre os motivos que levam a sociedade a necessitar de bens simbólicos produzidos pela indústria. Mostrar aos sujeitos que o mundo que conhecemos através das mídias já vem editado a partir da subjetividade de quem produziu o conteúdo é outro grande desafio do educador que deverá proporcionar condições ao aluno para que este possa compreender as constantes manipulações que privilegiam os interesses existentes.

Baccega (2011) aponta que, com a Educomunicação, os sujeitos irão construir novos modos de atuação frente à mídia. Neste ponto, a Educomunicação aproxima-se bastante da proposta da mídia-educação. Superados os desafios, a Educomunicação propiciará ao aluno a valorização da sua cultura e o reconhecimento da sociedade em que vive. A Educomunicação é percebida como o conjunto de ações sustentadas por pressupostos teóricos com o objetivo de melhorar a comunicação e as relações sociais. Essas práticas pretendem: democratizar o acesso aos meios de comunicação, promovendo a compreensão de suas linguagens e de seus processos de produção; estimular interações presenciais e à distância por meios analógicos e/ou digitais; propiciar à Educação um estudo amplo e contínuo dos meios e das interações comunicativas que influenciam o ambiente escolar.

Os estudos relacionados à Educomunicação entram em cena com a iniciativa de levar os novos meios de comunicação às salas de aula. Objetiva-se ainda aproximar os alunos das novidades tecnológicas e conseqüentemente melhorar e atualizar a dinâmica de ensino em benefício do conhecimento. As grandes mudanças tecnológicas, ao longo da história, demandaram outros padrões educativos. Barbero (2011) considera que a mera aquisição de equipamentos e tecnologias, por parte da escola, enseja apenas mudança ilustrativa dos conteúdos. Na visão dele, a escola precisa alterar suas formas de relacionamento com os jovens, com o conhecimento e com o conjunto da sociedade. Essas mudanças comportam entender a centralidade dos processos de comunicação - ao que denominou ecossistema comunicativo - para capacitar o jovem para uma mentalidade crítica e cidadã.



Com o novo campo e as tecnologias na educação, o professor ainda continua sendo o grande agente mediador do conhecimento com o aluno em situações de ensino e aprendizagem que, ressalte-se, podem acontecer em diferentes espaços físicos. No dizer de Freire (1985): “A educação é comunicação, diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado” (FREIRE, 1985 *apud* CITELLI 2011, p.64). A Educomunicação propicia ainda o diálogo aberto e espontâneo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência – situação em que a escola passa a ser um espaço de interação de saberes, experiências, informações, percepções e sentimentos.

4. Buscando o equilíbrio

O processo de interdisciplinaridade tem se mostrado essencial para o enfrentamento das demandas impostas pela sociedade contemporânea. O conhecimento fragmentado e compartimentalizado não responde mais às complexas demandas colocadas por um contexto cada vez mais conectado tecnologicamente e hibridizado culturalmente. Destaca-se, portanto, a importância de complementação entre diferentes campos do saber.

Sabe-se, no entanto, que esta discussão também tem implicações políticas e ideológicas. Não se trata simplesmente da adoção de uma nomenclatura de forma despreziosa. Ainda que se tenha tal ponto em mente, não é objetivo deste artigo discorrer sobre tais implicações mesmo porque, a exemplo de Almeida (2012), já existem autores que consideram os termos aqui discutidos como sinônimos porque abordam o mesmo escopo: a Comunicação e a Educação. Compreende-se que mais importante que o espaço ideológico, é a discussão das potencialidades dessa interface. Como todo processo de interdisciplinaridade, é preciso levar em consideração contribuições que venham dos distintos campos. Dependendo das propostas em curso, uma ou outra característica pode aparecer de forma mais ou menos proeminente.

Enquanto a Mídia-educação tem uma longa história voltada para a questão da leitura crítica da mídia, capacitando o cidadão para o protagonismo midiático, a Educomunicação aparece com fortes heranças latino-americanas e, em certos aspectos, parece se adequar muito bem à realidade brasileira porque possui, em sua base epistemológica, as contribuições da Educação para a Autonomia defendida por Paulo Freire.



De forma geral, ambas tem, em sua essência, a ideia de valorização do ser humano e de seus conhecimentos para a construção de algo coletivo que deve ancorar os exercícios de cidadania ao qual todos tem direito. Além disso, deve-se destacar o importante papel que ambas desempenham ao buscar “dar voz” ao cidadão comum frente à geração de conteúdos oriundos da mídia massiva. Revisitar este aspecto é crucial principalmente em tempos de redes digitais que, por conta do processo de digitalização somado à melhoria de infraestrutura de telecomunicações, repõem a possibilidade de que qualquer pessoa - com acesso às tecnologias - produza e distribua conteúdos.

Referências

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. Educomunicação: o pensamento latino-americano sobre educação para a mídia e produção literária nacional sobre o tema. **XVI Celacom**. Bauru: Unesp, 2012.

ANDRADE, Camila Silva. **Educomunicação: Novo paradigma de educação na sociedade em rede e a Constituição**. 184 f. Dissertação (Mestrado em Direito)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP, 2006.

ANDRELO, Roseane. **Política educacional e as tecnologias de informação e comunicação: o rádio na educação escolar**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2008.

APARICI, Roberto. **La educacion para los medios de comunicación**. Disponível em: www.webcursoslaplata.com.ar/apuntes/educacion_medios.rtf. Acesso em: 12 dez 2014. (documento sem data).

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/ Educação e a construção de nova variável histórica. In CITELLI, A; COSTA. M (orgs). **Educomunicação: construindo uma área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.



BARBERO, Jesús Martín. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: _____. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BELLONI, Maria L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.

BÉVORT, Evelyne.; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.

CITELLI, Adilson Odair, COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**—São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e Educação: implicações contemporâneas. In: _____. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. EGA, 1996.

GALLEGO, Gil. J.; ALONSO, Catalina. M.; CACHEIRO, Maria. L. (Coord.). **Educación, Sociedad y Tecnología**. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2011.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, 141: 68 a 75, jan./abr. 1999.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KERBAUY, M. T. M.; SANTOS, V. M. Cidadania digital: entre o acesso e a participação. In: Marcos Costa Lima & Thales de Andrade. (Org.). **Inclusão Digital: teoria, educação e políticas públicas**. 1ed. São Paulo: Hucitec, 2012.



KERBAUY, Maria Teresa Miceli; SANTOS, Vanessa Matos. Redes sociais mediadas por computadores In: BARROS, D.M.V. et al. **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**. Lisboa, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Trad.: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

PENTEADO, Heloisa Dupas. **Pedagogia da comunicação**. São Paulo: Cortez, 1998.

SANTOS, Vanessa Matos dos. **Materiais audiovisuais para a educação a distância: a contribuição dos estilos de aprendizagem**. Tese. (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Brasil, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais, in **Contato**, Brasília, Ano I, N.I, jan/mar,1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: _____. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **O Perfil do Educomunicador**. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2015.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo, Cortez, 2004.